



Eco de Fátima

ANO A. III SÉRIE . Nº 556

VI DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de FEVEREIRO de 2020

AS PALAVRAS DA PALAVRA

1. LEITURA DO LIVRO DE BEN-SIRÁ (Sir 15, 16-21 (15-20))

Se quiseres, guardarás os mandamentos: ser fiel depende da tua vontade. Deus pôs diante de ti o fogo e a água: estenderás a mão para o que desejares. Diante do homem estão a vida e a morte: o que ele escolher, isso lhe será dado. Porque é grande a sabedoria do Senhor, Ele é forte e poderoso e vê todas as coisas. Seus olhos estão sobre aqueles que O temem, Ele conhece todas as coisas do homem. Não mandou a ninguém fazer o mal, nem deu licença a ninguém de cometer o pecado.

Palavra do Senhor.

«Não mandou a ninguém fazer o mal»

A experiência do limite é sempre uma experiência dolorosa.
Custa sempre aceitar os projectos que deixámos por realizar,
reconhecer a imperfeição do que fazemos,
conviver com as nossas omissões,
numa palavra, não sermos o que gostávamos de ser...

E o pior é quando sentimos que,
com um pouco mais de esforço da nossa parte,
talvez tivéssemos chegado lá...

Não podemos ser nem demasiado rigorosos,
nem demasiado complacentes a nosso respeito.

Temos de perceber que há um caminho a percorrer

que não se faz de um dia para o outro.

Mas, ao mesmo tempo, precisamos de ter sempre presente

que, em última análise, tudo depende de nós porque

“se quiseres, guardarás os mandamentos”

pois *“Deus não mandou a ninguém fazer o mal”...*

Estás a lutar de verdade pela fidelidade ao Amor a que Deus te chama?

SALMO RESPONSORIAL: Salm o 118 (119), 1-2.4-5.17-18.33-34

Refrão: Ditoso o que anda na lei do Senhor. (bis)

Felizes os que seguem o caminho perfeito
e andam na lei do Senhor.

Felizes os que observam as suas ordens
e O procuram de todo o coração. *Refrão*

Promulgastes os vossos preceitos;
para se cumprirem fielmente.
Oxalá meus caminhos sejam firmes
na observância dos vossos decretos. *Refrão*

Fazei bem ao vosso servo:
viverei e cumprirei a vossa palavra.
Abri, Senhor, os meus olhos
para ver as maravilhas da vossa lei. *Refrão*

Ensinai-me, Senhor, o caminhos dos vossos decretos
para ser fiel até ao fim.
Dai-me entendimento para guardar a vossa lei
e para a cumprir de todo o coração. *Refrão*

2. LEITURA DA 1ª EPÍSTOLA DO APÓSTOLO S. PAULO AOS CORÍNTIOS

(1 Cor 2, 6-10)

Irmãos: Nós falamos de sabedoria entre os perfeitos, mas de uma sabedoria que não é deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que vão ser destruídos. Falamos da sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que já antes dos séculos Deus tinha destinado para a nossa glória. Nenhum



dos príncipes deste mundo a conheceu; porque se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito, «nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que O amam». Mas a nós Deus o revelou por meio do Espírito Santo, porque o Espírito Santo penetra todas as coisas, até o que há de mais profundo em Deus.

Palavra do Senhor.

«Antes dos séculos Deus predestinou a sabedoria para a nossa glória»

O que Deus, desde sempre, tem preparado para aqueles que O amam ultrapassa infinitamente tudo o que possamos esperar...

Não dá, sequer, para imaginar a beleza e a grandeza da Vida que Deus é e que quer partilhar connosco...

Nem dá para compreender os caminhos concretos como essa Vida se afirma e cresce na nossa condição humana: os caminhos de Deus não são os nossos, a sabedoria de Deus não tem quase nada a ver com a sabedoria deste mundo, aquela que espontaneamente procuramos e nos parece mais razoável.

Que sabedoria, que alegria, que vida... buscas? A de Deus, ou a do mundo?

EVANGELHO DE N. SENHOR JESUS CRISTO SEGUNDO S. MATEUS (Mt 5, 17-37)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim revogar, mas completar. Em verdade vos digo: Antes que passem o céu e a terra, não passará da Lei a mais pequena letra ou o mais pequeno sinal, sem que tudo se cumpra. Portanto, se alguém transgredir um só destes mandamentos, por mais pequenos que sejam, e ensinar assim aos homens, será o menor no reino dos Céus. Mas aquele que os praticar e ensinar será grande no reino dos Céus. Porque Eu vos digo: Se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos Céus. Ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não



matarás; quem matar será submetido a julgamento'. Eu, porém, digo-vos: Todo aquele que se irar contra o seu irmão será submetido a julgamento. Quem chamar imbecil a seu irmão será submetido ao Sinédrio, e quem lhe chamar louco será submetido à geena de fogo. Portanto, se fores apresentar a tua oferta ao altar e ali te recordares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão e vem depois apresentar a tua oferta. Reconcilia-te com o teu adversário, enquanto vais com ele a caminho, não seja caso que te entregue ao juiz, o juiz ao guarda, e sejas metido na prisão. Em verdade te digo: Não sairás de lá, enquanto não pagares o último centavo. Ouvistes que foi dito: 'Não cometerás adultério'. Eu, porém, digo-vos: Todo aquele que olhar para uma mulher com maus desejos já cometeu adultério com ela no seu coração. Se o teu olho direito é para ti ocasião de pecado, arranca-o e lança-o para longe de ti, pois é melhor perder-se um só dos teus olhos do que todo o corpo ser lançado na geena. E se a tua mão direita é para ti ocasião de pecado, corta-a e lança-a para longe de ti, porque é melhor que se perca um só dos teus membros, do que todo o corpo ser lançado na geena. Também foi dito: 'Quem repudiar sua mulher dê-lhe certidão de repúdio'. Eu, porém, digo-vos: Todo aquele que repudiar sua mulher, salvo em caso de união ilegítima, expõe-na ao adultério. E quem se casar com uma repudiada comete adultério. Ouvistes ainda que foi dito aos antigos: 'Não faltarás ao que tiveres jurado, mas cumprirás diante do Senhor o que juraste'. Eu, porém, digo-vos que não jureis em caso algum: nem pelo Céu, que é o trono de Deus; nem pela terra, que é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, que é a cidade do grande Rei. Também não jures pela tua cabeça, porque não podes fazer branco ou preto um só cabelo. A vossa linguagem deve ser: 'Sim, sim; não, não'. O que passa disto vem do Maligno».

Palavra da salvação.

«Foi dito aos antigos... Eu, porém, digo-vos...»

Jesus apresenta-se-nos como Alguém
que é portador de uma novidade absoluta...

Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima



Fá-lo reivindicando para Si um estatuto que só a Deus pertence: coloca-Se ao nível da Lei (dada pelo próprio Deus a Moisés...) e atreve-Se a completá-la, a ir ainda mais longe do que aquilo que o próprio Deus já tinha dito!...

Percebemos facilmente o movimento de contestação tão forte que isso irá gerar no seio dos judeus mais piedosos.

E podemos também perceber porque é que a nossa adesão a Jesus exige tanto de nós hoje.

É que Ele diz-nos coisas que somos quase incapazes de compreender e pede-nos muito mais do que, à partida, estamos dispostos a dar: pede-nos tudo!

Com que prontidão e inteireza acolhes os desafios de Jesus? Sem reservas?

POR ESTES DIAS...

SANTA JACINTA MARTO — Centenário da Morte

No próximo **dia 20 de Fevereiro** celebramos o **Centenário da morte de Santa Jacinta Marto**, pastorinha de Fátima.

O **programa da evocação da passagem de Jacinta Marto por Lisboa** é marcado pelos lugares onde ela esteve presente: o **Hospital D. Estefânia**, onde **faleceu a 20 de Fevereiro**, a **Igreja dos Anjos**, onde **foi velada**, e a **Estrela** (agora **Mosteiro das Irmãs Clarissas**, onde residiu, doente).

O programa é o seguinte:

20 de Fevereiro (5ª feira)

Hospital D. Estefânia

15h00 – Conferência

16h30 – Missa, presidida por D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca.

21 fevereiro (6.ª feira)

Igreja dos Anjos

17h30 – Oração do Rosário

18h30 – Missa



22 fevereiro (sábado)

Estrela

14h00 – Visita ao quarto onde esteve Santa Jacinta, Mosteiro das Irmãs Clarissas (Rua da Estrela, 17)

15h30 – Oração do Rosário na Capela dos Milagres

16h30 – Missa na Basílica da Estrela, presidida por D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa.

RECOLEÇÃO PAROQUIAL DA QUARESMA

22 de Fevereiro — Das 9.30h às 18h

Centro Cultural Franciscano (Seminário da Luz)

A **Páscoa**, o **momento culminante da vida de Jesus**, tem também de ser o momento culminante da vida de cada um de nós.

A **Quaresma**, enquanto tempo de preparação da Páscoa, é tempo de tomar **consciência de que a nossa vida é um caminho**.

Qualquer caminho tem na sua meta aquilo que lhe dá sentido.

A meta é a razão de ser de todo o esforço que dispendemos para caminhar e procurar ir sempre mais longe.

Dispor-se a **fazer Quaresma** é, por isso, sinónimo de **abraçar com alegria o caminho que nos é proposto**.

Esse caminho não se faz sem despojamento.

Mas para um cristão **a renúncia não é um valor em si mesmo**.

Só o é na medida em que nos deixa **livres para abraçar outras realidades**.

Durante a Quaresma a Igreja faz-nos, por isso, um conjunto de propostas que nos ajudam a esse desprendimento que é sinónimo de uma vida que deixa de estar centrada em si própria para se centrar em Deus e nos outros: a oração a esmola e o jejum.

Mas a Quaresma passa a correr.

Quando damos por ela, já passou...

É por isso que dá imenso jeito parar um bocadinho para não começarmos a Quaresma distraídos.



Aqui fica uma proposta de paragem:

No próximo sábado, dia 22, vamos fazer um dia de retiro.

Será no Centro cultural Franciscano (Seminário da Luz), das 9.30h às 18h.

Inscrições até quinta-feira, dia 20, no Secretariado Paroquial.

QUARTA FEIRA DE CINZAS — 26 de Fevereiro

No próximo fim-de-semana estamos em tempo de Carnaval e depois, logo a seguir, entramos em Quaresma.

Dia 26 celebramos a Quarta-Feira de Cinzas.

A imposição das Cinzas sobre a nossa cabeça (que acontecerá em todas as missas desse dia **(09.00h, 12.10h e 19.00h)**) é o reconhecimento público da nossa fragilidade e da nossa condição de pecadores.

Por isso afirmamos também o nosso desejo de entrar em quaresma.

De purificar o nosso coração, de arranjar mais lugar para Deus na nossa vida e podermos assim acolher a plenitude da vida que o Senhor nos quer dar.

Nessa Quarta-Feira os adolescentes e os jovens da nossa paróquia estão convidados a um **tempo de reflexão e meditação** no **Centro Paroquial**.

Começa às 15h e terminará pelas 18h.

Nota Pastoral do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

«Eutanásia: o que está em causa?»

Contributos para um diálogo sereno e humanizador»

1. As questões ligadas à legalização da eutanásia e do suicídio assistido estão em discussão na Assembleia da República e na sociedade. Como contributo para esse debate, que desejamos seja em diálogo sereno e humanizador, surge esta Nota Pastoral do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o que verdadeiramente está em causa.

2. Por eutanásia, deve entender-se «uma ação ou omissão que, por sua natureza e nas intenções, provoca a morte com o objetivo de eliminar o sofrimento». A ela se pode equiparar o suicídio assistido, isto é, o ato pelo qual não se causa diretamente a morte de outrem, mas se presta auxílio para que essa pessoa ponha termo à sua própria



Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

vida.

Distinta da eutanásia é a decisão de renunciar à chamada obstinação terapêutica, ou seja, «a certas intervenções médicas já inadequadas à situação real do doente, porque não proporcionadas aos resultados que se poderiam esperar ou ainda porque demasiado gravosas para ele e para a sua família». «A renúncia a meios extraordinários ou desproporcionados não equivale ao suicídio ou à eutanásia; exprime, antes, a aceitação da condição humana perante a morte». É, pois, bem diferente matar e aceitar a morte. Quer a eutanásia, quer a obstinação terapêutica, constituem uma ingerência humana antinatural nesse momento-limite que é a morte: a primeira antecipa esse momento, a segunda prolonga-o de forma artificialmente inútil e penosa.

3. De forma sintética, podemos dizer que subjacente à legalização da eutanásia e do suicídio assistido está a pretensão de redefinir tomadas de consciência éticas e jurídicas ancestrais relativas ao respeito e à sacralidade da vida humana. Pretende-se que o mandamento de que nunca é lícito matar uma pessoa humana inocente (“Não matarás”) seja substituído por um outro, que só torna ilícito o ato de matar quando o visado quer viver. Consequentemente, intenta-se que a norma segundo a qual a vida humana é sempre merecedora de proteção, porque um bem em si mesma e porque dotada de dignidade em qualquer circunstância, seja substituída por um outro critério, segundo o qual a dignidade e valor da vida humana podem variar e podem perder-se. Ora, na nossa conceção, isto é inaceitável.

4. Para os crentes, a vida não é um objeto de que se possa dispor arbitrariamente, é um dom de Deus e uma missão a cumprir. E é no mistério da morte e ressurreição de Jesus que os cristãos encontram o sentido do sofrimento. Mas quando se discute a legislação de um Estado laico importa encontrar na razão, na lei natural e na tradição de uma sabedoria acumulada um fundamento para as opções a tomar. O valor intrínseco da vida humana em todas as suas fases e em todas as situações está profundamente enraizado na nossa cultura e tem, inegavelmente, a marca judaico-cristã. Mas não é difícil encontrar na razão universal uma sólida base para esse princípio. A Constituição Portuguesa reconhece-o ao afirmar categoricamente que «a vida humana é inviolável» (artigo 24.º, n.º 1).

5. A vida humana é o pressuposto de todos os direitos e de todos os bens terrenos. É também o pressuposto da autonomia e da dignidade. Por isso, não pode justificar-se a morte de uma pessoa



com o consentimento desta. O homicídio não deixa de ser homicídio por ser consentido pela vítima. A inviolabilidade da vida humana não cessa com o consentimento do seu titular.

O direito à vida é indisponível, como o são outros direitos humanos fundamentais, expressão do valor objetivo da dignidade da pessoa humana. Também não podem justificar-se, mesmo com o consentimento da vítima, a escravidão, o trabalho em condições desumanas ou um atentado à saúde, por exemplo.

6. Por outro lado, nunca é absolutamente seguro que se respeita a vontade autêntica de uma pessoa que pede a eutanásia. Nunca pode haver a garantia absoluta de que o pedido de eutanásia é verdadeiramente livre, inequívoco e irreversível.

Muitas vezes, traduz um estado de espírito momentâneo, que pode ser superado, ou é fruto de estados depressivos passíveis de tratamento, ou será expressão de uma vontade de viver de outro modo (sem o sofrimento, a solidão ou a falta de amor experimentados), ou um grito de desespero de quem se sente abandonado e quer chamar a atenção dos outros. Mas não será a manifestação de uma autêntica vontade de morrer. É, pois, uma linguagem alternativa de quem pede socorro e proximidade afetiva. A dúvida há de subsistir sempre, sendo que a decisão de suprimir uma vida é a mais absolutamente irreversível de qualquer das decisões.

7. Em nome da autonomia, os que defendem a legalização da eutanásia e do suicídio assistido não chegam, por ora, ao ponto de pretender a legalização do homicídio a pedido e do auxílio ao suicídio em quaisquer circunstâncias. Pretendem apenas reconhecer a licitude da supressão da vida, quando consentida, em situações de sofrimento intolerável ou em fases terminais. Desta forma, atentam contra o princípio de que a vida humana tem sempre a mesma dignidade, em todas as suas fases e independentemente das condições externas que a rodeiam. A dignidade da vida humana deixa de ser uma qualidade intrínseca, passa a variar em grau e a depender de alguma dessas condições externas. Haveria, pois, situações em que a vida já não merece proteção (a proteção que merece na generalidade das situações), por perder dignidade.

8. Invocam os partidários da legalização da eutanásia e do suicídio assistido que, com essa legalização, se respeita, apenas, a vontade e as concepções sobre o sentido da vida e da morte, de



quem solicita tais pedidos, sem tomar partido. Mas não é assim. O Estado e a ordem jurídica, ao autorizarem tal prática, estão a tomar partido, estão a confirmar que a vida permeada pelo sofrimento, ou em situações de total dependência dos outros, deixa de ter sentido e perde dignidade, pois só nessas situações seria lícito suprimi-la.

Quando um doente pede para morrer porque acha que a sua vida não tem sentido ou perdeu dignidade, ou porque lhe parece que é um peso para os outros, a resposta que os serviços de saúde, a sociedade e o Estado devem dar a esse pedido não é: «Sim, a tua vida não tem sentido, a tua vida perdeu dignidade, és um peso para os outros». Mas a resposta deve ser outra: «Não, a tua vida não perdeu sentido, não perdeu dignidade, tem valor até ao fim, tu não és peso para os outros, continuas a ter valor incomensurável para todos nós». Esta é a resposta de quem coloca todas as suas energias ao serviço dos doentes mais vulneráveis e sofredores e, por isso, mais carecidos de amor e cuidado; a primeira é a atitude simplista e anti-humana de quem não pretende implicar-se na questão do sentido da verdadeira «qualidade de vida» do próximo e embarca na solução fácil da eutanásia ou do suicídio assistido.

9. Não se elimina o sofrimento com a morte: com a morte elimina-se a vida da pessoa que sofre. O sofrimento pode ser eliminado ou debelado com os cuidados paliativos, não com a morte. E hoje, as técnicas analgésicas conseguem preservar de um sofrimento físico intolerável. Desta forma, pode afirmar-se que a eutanásia é uma forma fácil e ilusória de encarar o sofrimento, o qual só se enfrenta verdadeiramente através da medicina paliativa e do amor concreto para com quem sofre.

Como afirma Bento XVI, «a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre».

Para além do círculo afetivo dos seus familiares e amigos, a dignidade de quem sofre reclama o cuidado médico proporcionado, mesmo que os atos terapêuticos e os analgésicos possam, pelo efeito secundário inerente a muitos deles, contribuir para algum encurtamento da vida. Neste caso, não se trata de eutanásia, pois o objetivo não é dar a morte, mas preservar a dignidade humana e a «santidade de vida», minimizando o sofrimento e criando as condições para a «qualidade de vida» possível.

10. A mensagem que, através da legalização da eutanásia e do



suicídio assistido, assim se veicula tem graves implicações sociais, que vão para além de cada situação individual. Esta mensagem não pode deixar de ter efeitos no modo como toda a sociedade passará a encarar a doença e o sofrimento.

Há o sério risco de que a morte passe a ser encarada como resposta a estas situações, já que a solução não passaria por um esforço solidário de combate à doença e ao sofrimento, mas pela supressão da vida da pessoa doente e sofredora, pretensamente diminuída na sua dignidade. E é mais fácil e mais barato. Mas não é humano! Neste novo contexto cultural, o amor e a solidariedade para com os doentes deixarão de ser tão encorajados, como já têm alertado associações de pessoas que sofrem das doenças em questão e que se sentem, obviamente, ofendidas quando veem que a morte é apresentada como “solução” para os seus problemas. E também é natural que haja doentes, de modo particular os mais pobres e débeis, que se sintam socialmente pressionados a requerer a eutanásia, porque se sentem “a mais” ou “um peso”.

É este, sem dúvida, um perigo agravado num contexto de envelhecimento da população e de restrições financeiras dos serviços de saúde que implícita ou explicitamente se podem questionar: para quê gastar tantos recursos com doentes terminais quando as suas vidas podem ser encurtadas?

11. Não podemos ignorar que, entre nós, uma grande parte dos doentes, especialmente os mais pobres e isolados, não tem acesso aos cuidados paliativos, que são a verdadeira resposta ao seu sofrimento.

A legalização da eutanásia e do suicídio assistido contribuirá para atenuar a consciência social da importância e urgência de alterar esta situação, porque poderá ser vista como uma alternativa mais fácil e económica.

12. Com esta Nota Pastoral, apelamos à consciência dos nossos legisladores. Mas também sabemos que uma grande percentagem dos nossos concidadãos afirma aprovar a legalização da eutanásia e do suicídio assistido. Estamos convictos de que muitos o fazem sem a consciência clara do que está verdadeiramente em causa. Daí a importância de um vasto trabalho de esclarecimento para o qual queremos dar o nosso contributo.

No Ano Jubilar da Misericórdia, recordamos que esta nos leva a ajudar a viver até ao fim. Não a matar ou a ajudar a morrer.

Fátima, 8 de março de 2016





Agenda

16 a 23 de Fevereiro

• 16 . Domingo

- DIA DOS PASTORINHOS (NAS MISSAS)
- Ensaio Coro St^a Cecília (11.30h)
- Encontro Grupo "Ele está no meio de nós" (16h)
- Catequese Infância, Jovens e Adultos (17.30h)

• 17 . Segunda-feira

- Catequese de Adultos (19h)

• 18 . Terça-feira

• 19 . Quarta-feira

- Ginástica de Manutenção (10.30h)
- Aula de Pintura (15h)
- Catequese de Infância e Jovens (18h)

• 20 . Quinta-feira

- Distribuição de Frescos (14/17h)

• 21 . Sexta-feira

- Atendimento Social (10/12h)

• 22 . Sábado

• 23 . Domingo

- Ensaio Coro St^a Cecília (11.30h)
- Catequese Infância, Jovens e Adultos (17.30h)

◆ Convívio da 3^a Idade (2^a a 6^a - 15h)

◆ Ponto de Acolhimento 2^a a 6^a - (9.30h/12.30h)

◆ Atendimento Social (2^a e 4^a - 14.30h/17h)

◆ Espaço Criança (2^a e 4^a - 14.30h/17h)

◆ Loja Solidária (2^a, 3^a, 4^a e 5^a - 14.30h/17h)

◆ Reunião de NA (2^a, 3^a, 5^a e 6^a - 13h)

◆ Espaço Solidário (2^o a 6^a - 14h/18h, Dom. 11.30h/14h)

